

RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.  
VISTA DO POENTE.

A descripção do antiquissimo mosteiro da aldeia de Crasto de Avelãs, feita por um curioso mancebo, já fallecido, da cidade de Bragança, no Almanach do sr. Castilho do anno passado, não é exacta porque houve engano no numero dos fogos da aldeia de Crasto de Avelãs que só tem onze, dando-se-lhe na alludida descripção cinquenta e seis. Os cinquenta e seis são de toda a parochia que consta de mais dois povos, que são Fontes e Grandaes.

Parece, á vista dos documentos antigos, ter sido este o primeiro mosteiro que houve na Península depois que n'ella se estabeleceu o christianismo; bem como que fôra fundado por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no anno de 667, sendo depois a casa capitular da ordem em Portugal.

Todos os senhores reis (especialmente o sr. D. Diniz) lhe concederam muitos privilegios e doações de villas, e aldeas que os monges fundaram, e as parochiavam como consta dos livros do cabido de Miranda, creado por el-rei o sr. D. João III com as suas rendas por bulla do santissimo padre Paulo III datada de Julho de 1546, desmembrando todo o seu territorio do arcebispado de Braga, consistindo as rendas em dizimos, foros, e prásos.

Todo o mosteiro está em ruinas, como se observa das estampas, á excepção da capella-mór da igreja que está conservada, porque pela sua construcção, de tijolo e argamassa, tem resistido ao tempo.

Removendo-se ha poucos annos para um tumulo do cemiterio de Bragança uma pedra gran-

de quadrada de jaspe, tinha no meio bem aberta a seguinte inscripção:

DEO  
ÆTERNO  
ORDO  
ZOELAR  
EX VOTO.

O corpo da igreja já foi mandado levantar pelo cabido haverá sessenta annos, e está dentro junto á pia baptismal o tumulo que a estampa representa, que diz a tradição ser de um conde, e talvez o fundador.

Tinham tambem os monges um hospicio na cidadella de Bragança, e tanto este como o mosteiro foram extinctos, dando-se como fundamento o serem os monges pouco exemplares e já em numero muito diminuto; mas creou-se o cabido com obrigação de sustentar e apresentar nas suas igrejas os monges restantes até acabarem de todo, e assim se praticou.

Em 1764, por bulla apostolica, foi transferido o cabido de Miranda para Bragança pelo bispo D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, por carta regia d'el-rei o sr. D. José I, deixando a Sé de Miranda, que é um dos melhores templos do reino, para vir occupar uma pequena egre-

FEVEREIRO, 21, 1857.

ja que era dos jesuitas e onde estes tinham o seu collegio. Depois uniu-se á nova Sé a parochia de S. João Baptista, concedendo-se-lhe um abbade com o privilegio, de combinação com o cabido, de usar de murça de meio prebendado, ficando a egreja de S. João simples capella, e a nomeação d'este beneficio pertencente aos bispos. Assim consta da provisão do dito prelado de 28 d'Agosto de 1767.

A egreja de S. João, que estava arruinadissima, desabou. Resta unicamente em bom estado a capella do Santo Christo que pertence aos barões de Santa Barbara. O padroeiro existe na Sé, onde tambem está o patriarcha S. Bento.

De tudo quanto dissemos, e de muitos monumentos que existem dos romanos, collige-se o quanto é antiga a cidade de Bragança, e pouco exacto o que dizem alguns escriptos que datam a sua origem do tempo de D. Sancho I. É verdade que foi este rei que a mandou povoar depois de uma grande peste que matou quasi todos os habitantes em 1187; e foi tambem elle que, n'essa occasião, para attrahir povoadores, lhe concedeu grandes privilegios.

## VINGANÇA POR VINGANÇA.

### III

#### AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

#### Continuação.

Agora silencio que somos chegados ao mais delicado da autopsia.

O umbral d'esta alcova só pode penetrar-o a donzella honesta, ou o operador severo.

Olhae vós todos que vos assomaes ahi á porta com olhos cubiçosos a espraial-os por este santuario dentro.

Ahi tendes em frente aquelle grande espelho, segredoiro fiel de muitos encantos que vistas de homem ainda não descobriram. Interrogae-o d'ahi, e nem uma só vez relatará das muitas que viu enastrar e desenastrar a comprida e negra frança de sua dona, por causa de uma rebelde madeixa que se lhe não ageitava sob a tremula mão com que buscava fazer-se mais formosa, se possível, para quando seu primo chegasse!

Não vos contará nenhum dos muitos sorrisos de contentamento que n'esse quarto elle tem reproduzido, ao ver descerrarem-se-lhe os labios mostrando as fieiras de perolas occultas sob aquelle carmim, e dirigidos unicamente a elle como em agradecimento de a retratar formosa!

Olhae como o espelho se tornou repentinamente baço, só para vos não deixar adivinhar n'uma das suas mais infimas moleculas, a reproducção d'aquellas elegantes formas que um vento mais travesso lhe desnudou, ao descaptivar o lenço do alfinete com que o subjeitava sobre o seio!

Invejosos, arredae depressa os olhos d'ahi, e

applicae-os antes sobre aquellas flores, que embalsamam com tão suave fragrancia o templo da virgem. Adivinhae-lhe, se puderdes, no matiz das côres, na symetria, no nome, na collocação d'ellás as palavras que lhe terá dirigido, e os pensamentos que haverá trocado com ellas!... Eu antes que o soubera não vol-o diria. Foram um presente de Simão; é um segredo d'aquellas duas almas, e que não devo assoalhar.

Não olheis para aquella cadeira de espaldar, guarnecida de pregaria amarella sobre couro floreado, porque ali estão lançadas a sua camisa de dia, suas saias, seu vestido com o competente *guarda infantes*; e podeis ser tão indiscretos que alvoroteis lembranças que não tem entrada n'este aposento.

Não relanceeis a vista por sobre aquelle matizado tamborete, onde n'uma symetrica confusão estão os pequenos sapatos, as ligas, e as meias da donzella; postas ali mais á mão, junto mesmo ao leito, porque o pudor lhe ensinou principiar a vestir calçando-se, para o proprio ar se não aventurar a deslisar-se-lhe brandamente pela assetinada pelle colorida em competencias com o jasmim e a rosa!

Sim... cansae debalde os olhos para ver se a vista se infiltra por entre os tenuissimos fios d'aquella finissima eassa da India, que lhe cae em frocos de neve do sobreceio do leito!... Não vêdes que as cortinas estão cerradas, e eu não quero erguer-lhes nem um canto, enquanto estiverdes todos ahi devorando com olhos cubiçosos este magnifico espectáculo?

Erguei-os antes para ali, para aquelle painel da boa Virgem, colorida em vidro, e que está sobranceiro ao leito. Foi n'elle que ainda ha pouco ella fitou seus meigos olhos, antes de os cerrar no doce somno que ora gosa, susurrando nos labios uma oração cheia de fé e de esperanza, e que lhe rebentava tão suave lá dos seios d'alma!...

Sai... sai depressa, importunos, porque a lampada que ali jaz sobre aquelle bofete, que vela uma noite inteira o somno da innocente, reflectindo em suavissimas ondas de um mystico palor a dulcissima luz da religião, do amor, e do mysterio, se agita convulsa, como sacodida pelo halito impuro dos immergidos nas demandas do mundo!

Sai.

.....  
Agora nós, leitora.

Acompanhae-me a descerrar as cortinas d'este leito.

Eil-a dormida!...

Levantae um pouco a roupa da sua cama, e poisae-lhe a mão ahi no peito... Não o sentis arfar?...

Applicae o ouvido a esses monosyllabos que solta interrompidos... Não lh'os adivinhaes?...

A virgem sonha n'este momento um d'esses sonhos de amor, tão suaves e tão doces n'essa edade de prazeres, onde as auroras são sempre

precursoras de um dia sereno, e nunca suspeitam o tufão da tempestade.

Agora mesmo vê aquelle espirito realisadas as promessas que fez a seu primo na casa do oratorio.

Notae-lhe como aquella mão direita se agita convulsivamente como se estivera apertando a mão de alguém. Parece-lhe que Simão está ali a seu lado, e que ella lhe renova seus castos juramentos.

Sua mãe, aquella amante Aldonsa Peres, que ha pouco vimos tão preocupada da sorte futura da filha, não lhe lembra n'este momento! Se lhe lembrara seria mesmo d'involta com um impio pensamento — o do abandono!

Sim, porque a filha não hesitaria, vendo obstaculos ao seu amor, em abandonal-a para seguir o amante!

Assim, donzellas, sois vós todas!... Escureceis os carinhos e os afagos maternos por esse novo pendor do coração, que a vós proprias muitas vezes nem sabeis definir.

Não duvideis fazer tragar, ate ás mais repugnantes fezes, o calix da amargura aquella que vos animou desde o berço, vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, vos amparou na infancia, e vos idolatrou depois com tantos extremos de amor, que ambicionara trocar a propria vida para augmentar a vossa!

Como estes amores de filha affrontam os amores de mãe!

.....  
Escutemos, donzella.

São passos que se dirigem para aqui!

Quem poderá ser n'esta hora avançada da noite, que assim se aventure a penetrar n'este quarto?!

Quem, senão o entranhavel affecto de mãe!

Aldonsa Peres acabou o seu exame de consciencia, e as suas orações, e dirige-se para aqui a despedir-se da filha, como costuma, velando porque ella esteja bem agasalhada.

Retiremo-nos para este canto mais escuso, e presenceemos d'ahi esta scena de amor materno.

Eil-a, a pobre velha, com que extremos chega a sua filha a roupa da cama!...

Como receia que o frio d'esta nevada noite de Janeiro ainda ali lhe penetre, por isso mais roupa lhe lança para a agasalhar!...

Olhae, como a contempla n'um extasi de ternura, e parece rever-se n'aquelle mimoso rosto!

Lá se lhe inclina a depositar-lhe na fronte um osculo, resumo apaixonado de todos os affectos que encerra no coração!

Vêde-a erguendo os olhos para o quadro da Virgem, e soltando dos labios uma oração de ventura e felicidade.

E n'este momento a filha lá se agita, murmura phrases inintelligiveis, e com um suspiro pronuncia distinctamente o nome de Simão.

A pobre mãe estremece!

.....

Saiamos, donzella, saiamos d'aqui, porque a nossa presença profana estes affectos maternos. Aquelle que ali vês dormido é o amor de filha.

Este que vês velando é o amor de mãe!  
Continua.

## LAGRIMAS.

### I

Oh quem não fôrâ nascido  
N'estas horas malfadadas,  
Que requeimam no sentido  
Tristes lagrimas choradas!

### II

Chorei-as!... inda na infancia,  
N'essa idade do sorrir,  
Que só é dado á ventura  
Em tenros annos florir!

Chorei-as!... na juventude,  
Em que sonha o coração  
Devaneios n'uma crença,  
Santa e pura de affeição!

Chorei-as!... e bem amargas,  
Quando na idade viril,  
Em que duros desenganos  
Me pungiram mil, a mil!

Choral-as-hei!... e quem sabe!  
Se, quando fôr ancião,  
Inda restos me ficarem  
D'esta vida d'illusão!

### III

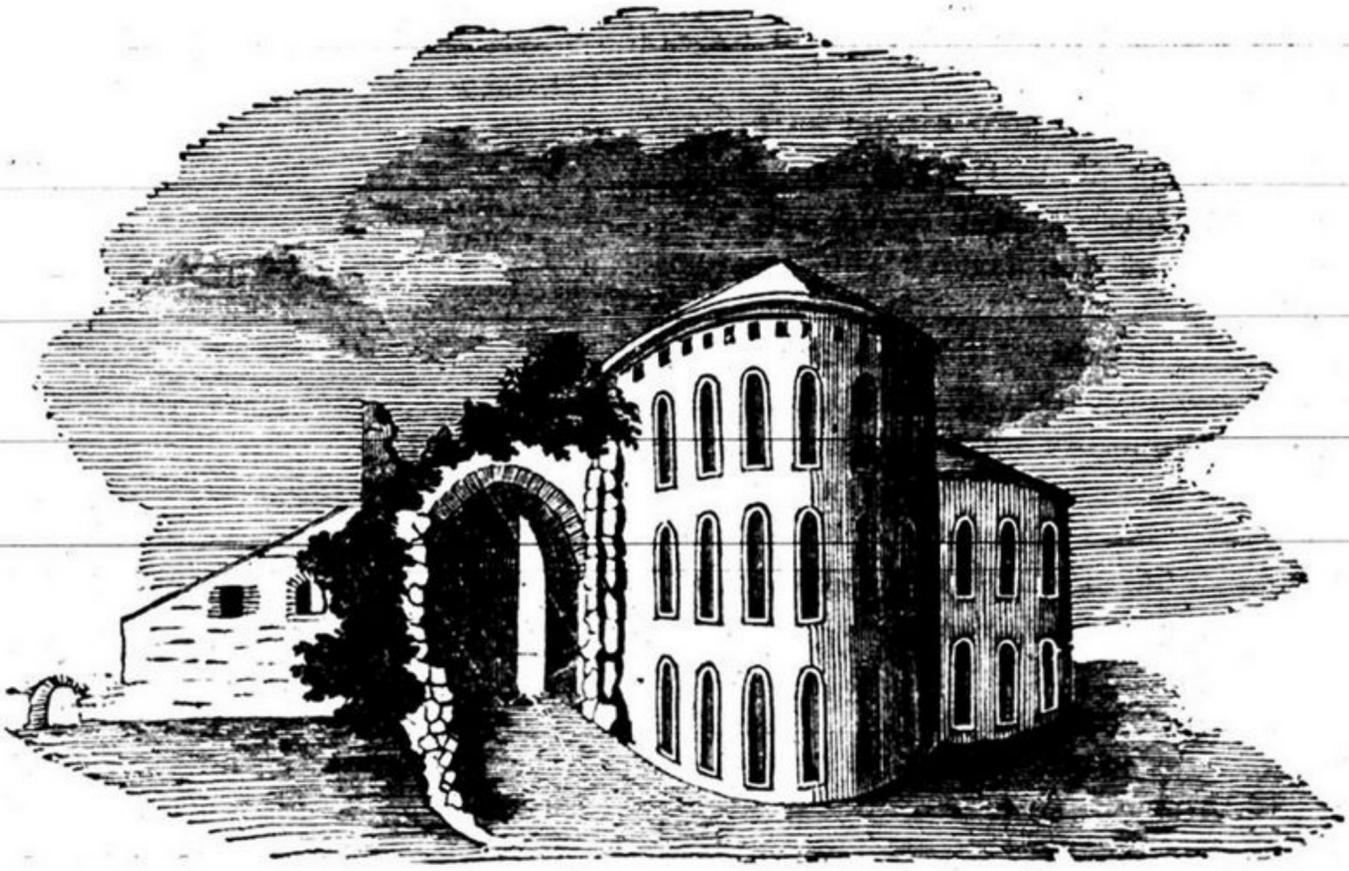
Mas que muito eu vertesse este pranto  
Pela sina d'um triste penar,  
Se no Horto as chorou — chorou tanto  
Quem nos risos mais pode mandar!

E chorou-as — chorou-as bem triste  
No Calvario, abraçando-se á cruz,  
Santa Virgem, que assim não resiste  
Ao trespasso do Verbo e da Luz!

### IV

Embora aos tristes olhos já cansados  
D'este pranto verter, mais pranto afogue,  
Não creia a sorte avara que eu lhe rogue,  
Ás lagrimas me poupe os meus cuidados.

Eu por mim aprendi na desventura:  
Riso e prazer escarneos são da sorte;  
Esta vida — illusão; verdade — a morte;  
E lagrimas do berço á sepultura.



RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.  
VISTA DO NASCENTE.

## CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

### III

CASA DE S. ROQUE.

#### Continuação.

«Servem mais a irmandade dois andadores, cujo vestido é de comprido, e côr parda, com as insignias da irmandade no peito, os quaes servem nas coisas que occorrem, e assistem tambem a ajudar ás missas: e estes andadores tem cada um vinte mil réis por anno.

«Tem mais a irmandade um menino que tem por officio ajudar ás muitas missas, que se dizem na capella, o que faz com sua sobrepeliz sobre o vestido comprido de que usa. Este tal tem de ordenado doze mil réis fora suas propinas.

«Tem a irmandade da Doutrina vinte e nove capellães, quinze dos quaes são de capellas que a Mesa administra; porque irmãos que o foram da congregação, encarregaram á Mesa o cuidado de prover as ditas capellas, e de pagar aos capellães, a esmola que para isso deixaram.

«Dos outros quatorze capellães, que fazem o sobredito numero de vinte e nove, doze d'elles dizem quotidianamente missa pelos irmãos e irmãs que vão fallecendo, um mais tem obrigação de dizer trezentas vinte sete missas por obrigações particulares, e as que sobejam das trezentas sessenta e cinco, se applicam por algu-

mas faltas, que poderam ter tido alguns capellães; e por esta obrigação tem o tal capellão o titulo de *capellão das faltas*.

«O ultimo capellão dos quatorze, diz missa pelos irmãos vivos da congregação.

«Tres dos ditos quatorze capellães tem de ordenado annual quarenta mil réis; e os mais cada um trinta e seis mil réis.

«No anno de 1707 era o numero dos congregados mil e duzentos. Quando entram na irmandade offerecem por entrada dois mil e quatrocentos réis, e para esmola de pobres quatrocentos e oitenta réis.

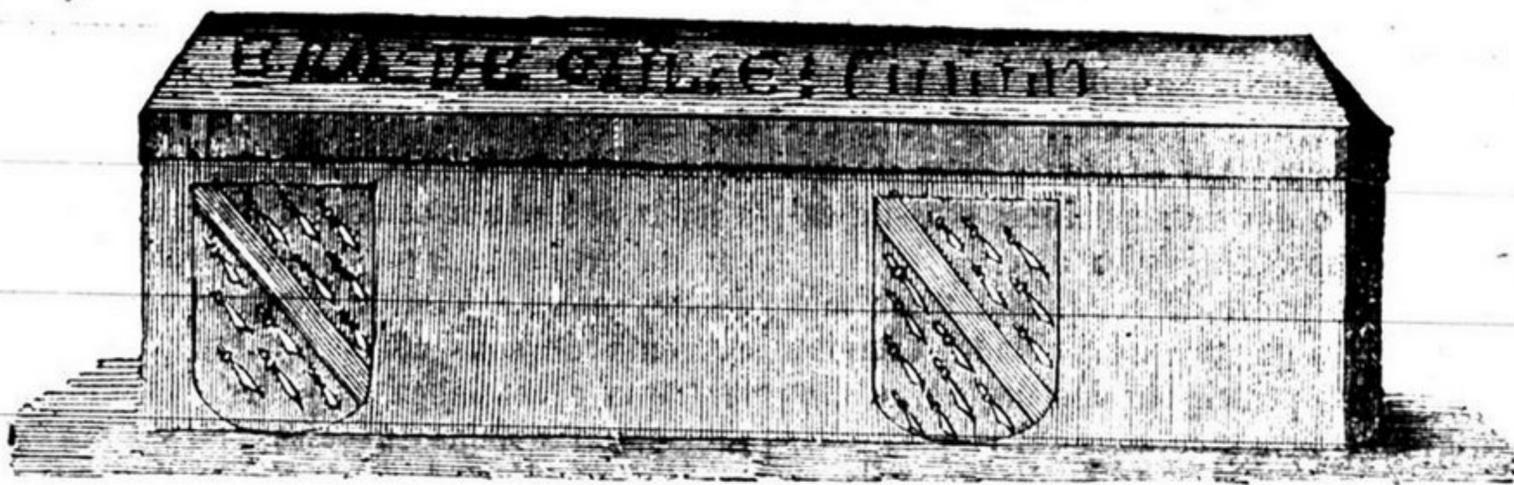
«Paga cada irmão todos os mezes um vintem applicado para a despeza da fabrica: e por todo o defunto, ou defunta que fallece paga todo o irmão outro vintem applicado para missas; sendo porém pobres não pagam nada, e as viúvas satisfazem com dez réis cada mez.

«Provê a Mesa todos os annos tres dotes em tres orfãs filhas de irmãos; um de sessenta mil réis, o segundo de cincoenta, e o terceiro de quarenta, d'esmola que dão os doze presidentes.

«Todos os sabbados á tarde ha Ladainha de Nossa Senhora com musica e instrumentos. E cada mez faz o padre protector uma exhortação espiritual, e se reza a Ladainha, e se tiram os santos.

«Assistem todos os dias de manhã na capella duas mercieiras, que tem de ordenado cada uma vinte mil réis.

«Todos os mezes se tiram de esmola dois mil e quinhentos réis, concorrendo o juiz com duzentos réis, e outros vinte tres irmãos da Mesa



TUMULO QUE SE ACHA JUNTO Á PIA BAPTISMAL NA EGREJA DE CRASTO DE AVELÃS.

com cem réis cada um. E a dita quantia se distribue por pobres e enfermos.

«Dispendem-se todos os dias do mez varias esmolas que faz a Mesa, umas de rendimentos que ha para isso, e outras das suas bolsas, e junta a despeza das ditas esmolas, com os tres dotes que dissemos virá a importar a despeza toda trezentos e cincoenta mil réis.

«Faz a Mesa á sua custa duas festas solennes cada anno com suas vespervas, uma é na segunda-feira depois da Dominica in Albis, celebrando os gostos e prazeres da Virgem Senhora na Resurreição de seu bemditissimo Filho, e outra a d'Ascensão de Christo Senhor Nosso, e em cada uma d'estas festas se costuma dispender a quantia de sessenta mil réis.

«Todas as vezes que morre algum irmão ou irmã a vae acompanhar a congregação com os seus vinte nove capellães, com sobrepelizes e barretes, e para isso tem cada um a sua sobrepeliz e barrete em uma caixinha com sua chave mettida nos bancos de encosto que estão no claustro.

«E se o irmão ou irmã era pobre, depois de lhe ter assistido a congregação com medico, cirurgiaão, botica, e alimentos convenientes, morrendo lhe dá sepultura.

«Por todo o irmão ou irmã que fallece diz cada capellão quatro missas; e se o numero dos defuntos é grande, e os capellães da irmandade não podem dizer todas, se mandam dizer as que faltam em outra parte.

«Por cada irmão ou irmã que morre rezam cinco padres capellães um nocturno, e no oitavario dos Santos, se faz na egreja de S. Roque um officio solenne com pregação.

«Quando se sabe haver discordias entre alguns irmãos são chamados á Mesa, e admoestados se procuram compôr, e reduzir a boa paz e amizade christã.

«Quando algum irmão se ausenta se lhe dá sua patente, para constar que é irmão, e avisada a Mesa de que é fallecido se lhe não falta com os suffragios, como se estivesse presente na cidade.

«Importa a receita de tudo que a irmandade

cobra valor de nove mil cruzados cada anno, e a mesma quantia pouco mais ou menos costuma dispender com os capellães, esmolas, dotes, fabrica da capella, e mais gastos no decurso de cada anno.»

É justo fallarmos aqui do methodo adoptado pelos padres da congregação para ensinarem a doutrina — methodo que tão grande nome grangeou ao padre mestre Ignacio, por antonomasia o *Padre da Doutrina*, que, entre os varios livros que confeccionou, coordenou a Cartilha.

A doutrina principiou a fazer-se dentro da egreja de S. Roque, saindo primeiro o irmão sacristão com a campinha, e assim ia pelas ruas, ajuntando os meninos, e convocando o povo para o templo de S. Roque.

Reunidos os meninos e o povo, subia um padre ao pulpito, e d'ahi doutrinava.

Foi no anno de 1581 que o padre mestre Ignacio se lembrou de sair pelas ruas de Lisboa com os seus doutrinados; usando de traças de caridade e zelo para acarinhar o povo, e ganhar-lhe a confiança afim de lhe confiarem os filhos a quem elle desejava ensinar. Conduzia o padre o seu rancho, com uma canna na mão, cantando e repetindo-lhes as orações.

Custou no principio a habituar-se a cidade a este novo methodo de doutrinizar, e não pequenos desgostos colheu d'isso o padre Ignacio, os quaes não citaremos aqui, por não virem ao contexto da nossa obra. A perseverança venceu ao cabo dos tempos, e o auditorio foi a pouco e pouco crescendo, a ponto de assistirem a estas lições até os adultos, e ainda os mais autorizados em empregos.

Para induzir a estes ultimos a estarem bem certos na doutrina, principiava o padre Ignacio a interrogal-os tambem quando fazia repetir ás creanças as orações; d'aqui tomavam os mais crescidos vergonha de se verem menos scientes do que os meninos, e por isso estudavam a doutrina para não serem encontrados em falta quando succedesse serem interrogados.

Escolhia o padre os logares mais publicos para doutrinizar. As escadas do Hospital d'El-rei, que então se achava estabelecido no sitio onde hoje

está a Praça da Figueira ; o pateo das Comedias, logar que de proposito buscava para combater os comediantes ; o largo do Corpo Santo, onde concorriam muitos estrangeiros, soldados e marinheiros ; a praça da Ribeira ; a feira da Ladra, e outros assim concorridos os preferia elle para explicar o cathecismo. Ahi se apresentava de subito com o bando dos seus meninos, e assim cathecisava, como é de justiça dizer.

Lembrou-se o padre de conquistar tambem a muita gente preta que havia na cidade. Chamou para esse fim os principaes das nações, e lhes expoz o grande bem que se seguiria para elles de ouvirem a doutrina. Difficultaram elles o poderem-se ajuntar pela semana por andarem occupados no serviço de seus senhores, e aos domingos e dias santos de guarda terem de uso juntarem-se nos seus bairros, e alliviarem-se do trabalho da semana em suas festas e bailes. Eram os escravos divididos em vinte nações, e mestre Ignacio concordou com elles que cada domingo saíssem cinco nações á doutrina, caindo assim um domingo para se doutrinarem, ficando-lhes livres os outros tres para as suas recreações.

Não ficando n'esta primeira conferencia assentado o negocio definitivamente, combinou o padre com os maioraes fazer n'um dos proximos domingos uma procissão á egreja do Hospital d'El-rei, aonde se ordenaria por ultimo o negocio, e se assentaria a definitiva resolução.

No dia aprasado acudiram os pretos á referida egreja, em numero de mais de mil, e o padre lhes fez uma pratica do pulpito, narrando-lhes o que estava assentado, e dividindo em turnos os domingos das doutrinas. N'este dia, e com esta solemnidade ficou combinado quanto respeitava aos pretos, e por muitos annos successivos assim acudiram á doutrina.

Premiava o padre os meninos que melhor respondiam ao cathecismo com premiosinhos como por exemplo contas, veronicas, santos, e outras coisas de devoção.

Para estas veronicas alcançou do estado uma esmola nos armazens do chumbo.

Das contas que distribuia narra a Chronica do padre Telles o seguinte, que merece especial menção para conhecermos os santos ardis de que este valente soldado de Christo se servia. Reza assim a Chronica :

«Com a mesma confiança com que dava uma veronica de chumbo, offerecia umas contas de carvão (que assim chamava ás que mandava fazer, dando-lhe por mui pouco dinheiro muitas duzias) estas repartia pelos meninos, e talvez as dava aos mais ricos, e mais illustres. Contarei n'este particular um caso de estranha edificação; estava elle uma vez fazendo a sua doutrina no Terreiro do Paço, nas escadas aonde hoje se aloja a companhia, que está de guarda; assistia na janella (em que os governadores d'este reino costumavam ver as festas d'aquelle terreiro) o cardeal Alberto, filho do imperador Maximiliano, archiduque de Austria, e irmão de três impera-

dores (Rodolpho, Mathias, e Fernando) principe dignissimo dos estados de Flandres (o qual então governava este reino) porém estava recolhido dentro com as vidraças corridas, de tal maneira que elle via, sem o verem. Chegou o padre mestre Ignacio pelo discurso da doutrina a um passo, n'elle mui azado, que era perguntar a todos se tinham contas? E em prova da devoção da Senhora, fazia com o auditorio, que cada um saísse a publico, fazendo mostra, e dando conta de suas contas; e era n'este particular tanta a confiança do padre, e tinha ordinariamente tão bons successos n'este seu alardo geral, que com todos entendia, e nenhum se lhe escusava de mostrar as suas contas, havendo por vezes muita festa no auditorio, em razão da boa graça com que o padre entendia, até com os mais graves, que por medo, ou por vergonha, traziam e mostravam contas.

«Foi elle d'esta vez fazendo sua resenha; e perguntando pelas contas, chegou com os olhos ao logar da janella, aonde sabia que estava o cardeal, e com a mesma confiança, entendendo com elle, lhe pediu que quizesse tambem sua alteza honrar aquelle auditorio, mostrando suas contas, pois tambem era devoto da Senhora; e vendo que lhe não respondiam, virando-se para o povo, disse: parece que nos não quer mostrar as suas contas ricas: e logo chamou um menino da doutrina (que estes eram os seus embaixadores) e lhe poz sobre o chapeo umas das suas contas de carvão, dizendo-lhe que fosse acima, que de sua parte as offerecesse a sua alteza. Sae logo este anjo da embaixada, sobe as primeiras escadas, atravessa a sala dos Tudescos, passa por todas as mais escadas, salas, e corredores, vence quantas guardas costumam assistir nas portas reaes, entra dentro da camara aonde estava o serenissimo principe, põe o joelho no chão, e na salva do chapeo lhe offereceu as contas de carvão; recebeu-as o christianissimo cardeal, e com a confiança de principe, fez logo abrir a janella, e mostrando-se ao auditorio, deitou o braço fora, mostrando ao povo as contas da santa doutrina, que o padre mestre Ignacio lhe mandou. Com a vista de acção de tanta christandade, foi grande o auditorio; levantando todos um grande viva, não menos ao principe, que ao padre; a este pela santa confiança, ao principe pela grande piedade.»

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

USOS.

Continuação.

Cheios de respeito para com os seus semelhantes, tratavam como senhores aquelles que queriam honrar, inclinando-se ante elles até toca-

rem o chão. É a isto que a Escriptura chama *adorar*. Era ordinario abraçarem-se quando se encontravam.

Em lugar de se descobrirem, como nós fazemos, descalçavam-se ao entrar nos templos.

Nenhuma nação observou mais religiosamente as leis da hospitalidade. Recebiam os seus hospedes com muita affabilidade, faziam-lhes todos os bons officios que podiam; n'uma palavra todos os deveres da humanidade.

A vida farta e tranquilla que os hebreus passavam, a belleza do seu paiz, a doçura do clima que habitavam, tudo enfim os induzia aos prazeres; porém estes prazeres eram simples e faceis; consistiam em comer bem, e na musica. Nos sabbados e que se entregavam aos festins, e assim tambem nos dias de festa determinados pela lei. Os casamentos, a repartição dos despojos depois de uma victoria, a tosquia dos carneiros, a ceifa, a vindima eram para elles dias festivos e de recreação.

A cavalgadura ordinaria era o burro, até mesmo para as pessoas mais ricas. Para dar uma grande idéa de Jair, um dos juizes, diz a Escriptura que elle tinha trinta filhos montados em trinta burros, e chefes de trinta cidades. Diz de Abdon, outro juiz, que tinha quarenta filhos e trinta netos montados em setenta burros; e no cantico de Debora, os chefes de Israel estão descriptos montados em burros gordos e anafados.

#### COMIDA E BANQUETES.

Os hebreus não comiam indistinctamente toda a casta de animaes. Deus lhe ordenara as viandas de que deviam fazer uso. Os peixes que não tivessem escamas, as aves de rapina, os amphibios, os animaes que não tem unha rachada, os que não ruminam, e o porco especialmente, o sangue etc. eram-lhes prohibidos, mesmo por causa da difficuldade da digestão n'aquelles paizes quentes.

Nas melhores mesas serviam-se viandas solidas e succulentas; comiam-se cozidas, assadas, e guizadas. Não conheciam a maior parte das especiarias. O sal, o mel, o azeite eram os seus temperos; e usavam algumas vezes de aniz, gengibre, açafão e hervas aromaticas. Depois das viandas, as iguarias mais estimadas eram as que se compunham de legumes e grãos. Poucas vezes comiam peixe; reputavam-no um alimento muito delicado e leve de mais para homens robustos. Faziam bolos com azeite e mel. A comida ordinaria dos ceifeiros eram sopas de vinagre, e cozido. O vinho reservava-se para os dias de festa, e para os festins de apparatus.

Não comiam com toda a especie de gente, porque julgavam manchar-se e deshonorar-se sentando-se á mesa com pessoas d'outra religião, ou de profissão vergonhosa e desacreditada. Primeiramente comiam sentados; mas depois a exemplo dos povos da sua visinhança, comeram deitados em leitos, encostado o cotovelo, postura in-

commoda imaginada pela molleza dos orientaes, e que a rusticidade dos povos do norte aboliu passados seculos.

A gente bem regrada comia depois do trabalho, e bastante tarde. E por este motivo que na Escriptura *comer e beber desde manhã*, significa a desordem e a devassidão. Nos jantares cada um tinha sua mesa á parte, e a pessoa que dava o festim fazia a distribuição das viandas. O grande respeito para com os hospedes consistia em lhes dar mais abundantemente de comer e beber. Partia-se o pão á mão, e por isso os pães eram estreitos e compridos.

Nos festins solemnes creava-se um rei, que destinava a cada conviva o seu lugar, e que era eleito pela sorte, ou escolhido pelo dono da casa. Era quem mandava, e todos estavam obrigados a obedecer-lhe. Esta obediencia nada tinha de penosa, porque o seu fim era a ordem e vivacidade no prazer. Enquanto se comia, os musicos tocavam, e os servos queimavam perfumes. Ordinariamente estes banquetes tinham lugar no campo á sombra das arvores.

#### PURIFICAÇÃO.

O accio e limpeza são muito necessarios nos paizes calmosos, onde o ar se corrompe com mais facilidade, e ha mais falta de aguas do que nos paizes frios. Era por isto que todas as purificações ordenadas aos judeus pela lei de Moyses, não tinham unicamente por fim costumal-os á obediencia, e eleva-los a Deus por via das acções as mais ordinarias da existencia; eram tambem para conservar a saude, e portanto prevenir as doenças. Tinham por base a hygiene.

Determinavam aquellas leis não só o banho do corpo, como tambem a lavagem dos vestidos e muitas e amiudadas circumstancias e recontros: especialmente quando o hebreu tocava um corpo morto, ou um animal impuro. De ordinario as purificações tinham lugar ao levantar da cama, ao deitar, e antes de comer. Os vasos e as casas, onde se notava alguma corrupção, eram purificadas ou pelo fogo ou pela agua. Obrigavam-se as mulheres depois do parto a esta pratica. Aos sacerdotes pertencia julgar das impurezas legaes, e ordenarem o modo das purificações.

#### LUTO.

Os israelitas tomavam luto nas calamidades publicas, quaes eram as pestes, a esterilidade geral, e invasão de inimigos; e tambem nas desgraças particulares, como por exemplo a morte de um parente, ou d'um amigo; na sua enfermidade perigosa; quando se caia em captiveiro, e até mesmo se elles eram accusados de um crime.

Não consistia o luto só em mudar de vestidos; tambem os rasgavam. As acções mais ordinarias eram bater nos peitos, descobrir a ca-

beça, lançar n'ella cinza e terra em vez de perfumes, rapar a barba e os cabellos.

Emquanto o luto durava não se ungiam, nem lavavam. Era da essencia trazer os vestidos sujos e rasgados; ou em vez d'estes usar o que se chamavam saccos, que eram fatos muito estreitos e sem pregas. Tambem estes vestidos se appellidavam cilicios, por serem feitos de fazenda grosseira. A cabeça e os pés andavam descobertos, porém o rosto tapado. Ordinariamente embuçavam-se n'um manto, para não verem a claridade do dia, e occultar assim as lagrimas. Só depois do sol posto é que comiam, e estes alimentos eram dos mais ordinarios, por exemplo pão e legumes. Unicamente se bebia agua.

Encerravam-se durante o luto, ou sentados no chão, ou deitados na cinza, e guardando profundo silencio, só interrompido por lamentações, e canticos funebres.

O luto por uma pessoa morta durava ordinariamente sete dias. Algumas vezes prorogava-se por um mez, e ainda mais tempo, porém isto poucas. Viuvas havia que o conservavam por toda a vida.

Continua.

A.

### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação. \*

LVI

De como o Snr. D. Antonio ordenou a armada, e do que lhe succedeu.

Sendo já no fim de agosto do ditto anno de 1582, dice o Snr. D. Antonio com os do seu conselho, que se determinasse de se aperceber a armada que estava no porto, por que se vinha chegando o inverno; sem o povo saber para onde. Mandou fazer gente n'esta ilha, e nas ilhas debaixo. Ajuntaram-se como trez mil portuguezes soldados. Desta ilha não queria elle tirar muitos, pelo que importava á defensão desta ilha. Fizeram-se muitas enxadas, pás, e outros artificios, para guerra. Proveu-se a armada de todos os bastimentos, que tudo a ilha tinha. Uns diziam que a armada, que se fazia para as ilhas de Canaria; outros, que para a ilha da Madeira; e a presumpção que se tinha que ia direita a Lx. E como tudo levava ruim fim, se embarcou o Snr. D. Antonio: podiam ir nella portuguezes, inglezes e francezes, sette para oito mil homens. Foram perto de settenta velas grandes, e pequenas, com muitos navios latinos. Foram com vento prospero no mez de Settem-

(\*) Do num. 52 do vol. antecedente.

bro. No fim delle, e entrada de Outubro, tal tormenta lhes deu, que com ella se apartaram, uns para um Cabo, outros para outro, muitos destroçados. Os inglezes se foram logo para Inglaterra. Os francezes parte delles. Quando o Snr. D. Antonio, acabada a tormenta, safu fora, não viu mais que quatro naus com a sua ao longo da ilha de Santa Maria. A gente de terra não sabia que naus eram: pozeram-se em armas para defenderem a ilha. Mandou o Snr. D. Antonio recado, que era elle: ficou a gente toda quieta, e alvoroçada e contente. O capitão não lhe quiz fazer a vontade, dizendo que lhe não pozessem a cabeça ao talho, por que era cousa perigosa que se deixasse sair o Snr. D. Antonio com aquella gente fora dar-lhe obediencia como vassallos, e que a elle o mandaria El-rei degolar, e a elles todos bem castigados; que e deixassem com isso. Fez um grande presente, e o mandou ao Snr. D. Antonio, e lhe mandou dizer que bem via sua alteza, ou magestade, o perigo em que punha sua vida, e fazenda e dos moradores da ilha; e que elle como principe catholico, e natural fosse servido ser juiz da causa, em querer lhe dessem obediencia como rei: que se elle quizesse sair em terra só com alguns fidalgos portuguezes, que elle e sua fazenda e dos moradores da ilha estavam a seu serviço, e que se recreasse em terra, que lhe não faltariam mimos, e que a ilha o teria por grande mimo e ditta o que nunca se imaginou: mas que como a rei se não atreviam a dar-lhe vassalagem, por que tinham jurado, e dado obediencia a seu primo el-rei Philippe: mas que como principe e Snr. D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, fizesse o que quizesse delles, e que mandasse dizer o que havia mister para as naus, que tudo iria. Pareceram-lhe tão bem as razões do capitão-mor, que lhe mandou os agradecimentos, dizendo, que não saia em terra por não tornar de novo a enjoar, e que ia muito satisfeito de tão honrado aviso. Não quiz sair em terra, posto que sua vontade era boa, sem a gente das naus, porque conheceu em si, que bem leaes se lhe tinham mostrado muitos, e que lhe faziam cada hora traições: que se elle sair em terra com trinta ou quarenta homens, que melhor sorte podia ter aquelle capitão que prendel-o. E o mais dissimulou e mandou dar as naus á vela, e se veiu metter no porto desta cidade, onde foi bem recebido, com muita festa, posto que aguada com seus ruins successos, e lhe ir tudo para traz.

Continua.

Os desenhos que hoje publicamos, e a curiosa noticia que os acompanha devemol-os ao ill.<sup>mo</sup> sr. J. A. C. de Castro e Sepulveda, Deão da Sé de Bragança, a quem agradecemos cordealmente este distincto obsequio, e pedimos desculpa da demora na publicação, devida a causas estranhas á nossa vontade.